O HISTORIADOR DO CARIRI(*)

ANTÔNIO MARTINS FILHO

Na manhã de 21 de maio dêste ano de 1954, a cidade de Crato foi dolorosamente surpreendida com o súbito falecimento de um dos seus filhos mais ilustres — o escritor Irineu Nogueira Pinheiro.

A despeito de contar a provecta idade de 72 anos completos, o doutor Irineu, com aquela expressão de recato e ponderação que lhe realçava a personalidade, parecia possuir o segredo da eterna juventude, tal o sabor de sua conversação, a agilidade dos seus raciocínios, a segurança de suas afirmações, o equilíbrio e elegância com que ornamentava a exteriorização das próprias idéias.

Se, do ponto de vista psíquico, tais eram os atributos do insigne historiador, importa também salientar que, de sua compleição física, jamais poderíamos prever fim tão próximo e tão inopinado. Com efeito, em sua cabeça ainda não vicejavam as rosas de neve do inverno da vida, da mesma forma que não sentia o seu corpo a ação geotrópica do declínio.

Dêsse modo, em plena forma de côrpo e de espírito, muito ainda teríamos de esperar da sua operosidade constante e persistência em pról das letras regionais, já pela fiel narração de hábitos e costumes do Cariri, já através da pesquisa e interpretação sociológica de fatos da história da região em que vivia e a que abnegadamente serviu.

Justificada, portanto, está a grande e profunda consternação que enluta a alma coletiva da centenária metrópole caririense, com manifestas ressonâncias nas altas e diferentes ésferas do Ceará intelectual.

É que o morto de 21 de maio, sôbre ser grande como escritor, foi ainda maior pelas idéias, que lhe empolgavam o espírito, e pelos sentimentos, que lhe enterneciam a alma e sensibilizavam o coração.

(*) Discurso proferido no Instituto do Ceará na primeira sessão ordinária de junho de 1954.

* * *

Na cidade do Crato, casa nº 66 da rua Grande, depois rua do Comércio, hoje rua João Pessoa, nasceu Irineu Nogueira Pinheiro, no dia 6 de janeiro de 1881.

Foram seus pais o Doutor Manuel Rodrigues Nogueira Pinheiro — magistrado ilustre e parlamentar provincial, que faleceu prematuramente, com apenas 34 anos — e dona Irineia Pinto Nogueira Pinheiro, filha do Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, o primeiro dêste nome, que também foi deputado na província e político dos mais prestigiosos do sertão.

Iniciou Irineu os estudos primários em colégios particulares, sendo um dos seus professores o notável abolicionista e jornalista José Joaquim Teles Marrocos.

Depois, êsses estudos foram concluídos no Seminário de Crato, então sob a reitoria do Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, que veio a ser o primeiro Bispo da Diocese posteriormente criada.

No tempo do Seminário, Irineu fez parte, como orador oficial, do "Círculo Literário", sociedade de seminaristas fundada sob os auspícios do Padre Miguel Coelho de Sá Barreto, de grata e saudosa memória.

Transportando-se para o Recife, no Ginásio Pernambucano tirou preparatóros de português, latim e francês, sendo que os demais foram prestados no Liceu do Ceará, com exceção apenas do de História Natural, obtido na Capital da República

Matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ali cursou com brilhantismo todas as cadeiras do currículo escolar, então sendo-lhe conferido o grau de doutor em medicina a 8 de julho de 1910.

A sua tese de doutoramento, que versa o tema — "Um caso de dexiocardia", é trabalho científico de apreciável valor, enfeixado em volume de 68 páginas, editado pela "Tipografia da Revista dos Tribunais", do Distrito Federal.

Retornando ao Ceará e demorando-se no Crato, passou Irineu a exercer os misteres de sua profissão de médico, sem contudo relegar a plano secundário a sua predileção pelas coisas do espírito, mercê de imprescrivel inclinação para o mundo das letras.

Com efeito, além de haver fundado o "Correio do Crato" (de vida efêmera, aliás), colaborou no "Correio do Cariry", "A Região", "O Araripe" — em sua segunda fase, que vai de 3.5.1919 a 3.5.1920 —, "Crato-Jornal e, ùltimamente, "A Ação", todos periódicos editados em Crato. Note-se, entre parênteses, que "O Araripe", em sua primeira fase, que vai de 1855 a 1865, foi dirigido por João Brígido dos Santos e, segundo informação do próprio Irineu, deve ter sido o primeiro jornal publicado no interior do Ceará.

Do médico nada, ou quase nada, eu poderia vos dizer. É que sempre o admirei como intelectual, isto é, jornalista ponderado e seguro, orador elegante, conversador emérito e, na última brilhante fase de sua venturosa existência, legítima expressão das letras históricas do Ceará e do Brasil.

Sei também, de ciência própria, que ainda exerceu o magistério, como professor de física e química, no Seminário do Crato, já no episcopado de D. Quintino. E que, anteriormente, havia sido fiscal federal do Colégio de S. José, que funcionou anexo ao Seminário, sob a direção do padre Joaquim Ferreira de Melo, mais tarde Bispo de Pelotas, onde veio a falecer em 1940.

Através de análise retrospectiva, vemos que, nas solenidades e festas cívicas

realizadas em Crato, até o fim do segundo decênio dêste século, predominou uma pequena aristrocracia representativa da cultura municipal, nela se destacando, como astro de primeira grandeza, a figura respeitável e algo esquesita do Dr. Irineu.

A partir de 1922, ano comemorativo do centenário da Independência, teve início nova fase para as letras indígenas, passando então a se processar uma como que democratização da oratória, da poesia e do jornalismo, com o advento dos intelectuais-caixeiros.

Dêsse movimento, iniciado na Associação dos Empregados no Comércio, participei ativamente, com Pedro Felício, Venício Leite, João Alves Rocha, Aquiles Arrais e vários outros.

Já agora, com a auto-crítica que os anos me permitem, posso tirar, daquela fase de minha iniciação intelectual, algumas conclusões, que se acham fixadas em meu livro de memórias, ainda inédito. Nele, com efeito, aludo a que, dos filhos de meu pai, todos os varões fizeram versos, sendo que a mim coube o privilégio de representar a mais alta ou maior expressão, às avessas, dos menestreis da família...

Na oratória, porém, a classificação me é mais favorável, pois tive os meus momentos de felicidade, mercê de um pouco de audácia e de presença de espírito.

Dêsde aqueles tempos formei a convicção de que o orador, além de ser autor, é, acima de tudo, ator. É que o destemor ao respeitável público, a gesticulação adequada e oportuna, a modulação de voz, mais ou menos acentuada, de modo a interessar os ouvintes, e a dramatização, aliada aos recursos da retórica — são valiosos atributos que fazem os grandes oradores e que dão, à arte da palavra, as prerrogativas de um gênero à parte, caracterizado e definido nos compêndios de literatura.

A circunstância de haver demonstrado possuir algumas dessas qualidades, segundo a afirmação dos meus contemporâneos, foi o suficiente para me aproximar de dois vultos exponenciais do velho grupo — José Alves de Figueiredo e Irineu Nogueira Pinheiro, que passaram a manter comigo u'a relativa camaradagem intelectual. Tanto assim foi que, nos meus encontros com qualquer um deles, a despeito da distância que nos separava em idade e merecimento, falávamos sôbre livros, sôbre autores, episódios do folclore regional, isto é, coisas do espírito.

Recordo-me de quando visitou o Crato o desembargador Moreira da Rocha, então presidente do Estado. A cidade perdeu a sua pacatês habitual, preparando-se, engalanada e festiva, para recepcionar o Govêrno e sua comitiva.

Na Praça 3 de Maio, onde se concentrava a população, estava a tribuna em que deveriam falar os oradores, que eram dois apenas: o Dr. Irineu Pinheiro, pela população da cidade e, pela União Artística Beneficente, eu.

Irineu proferiu um discurso finamente burilado, focalizando, de início, os problemas que afligiam o Crato e o Cariri, notadamente a ausência da Estrada de Ferro. Perorou, como era de praxe, apresentando as saudações da cidade aos visitantes.

Depois de sua magnífica oração, judiciosa em conceitos e impecável quanto à forma, seria a minha vez de "soltar o verbo", em nome da agremiação de que eu era orador oficial.

Advertido pelo jornalista Matos Ibiapina de que o Presidente não gostava

de discursos, foi com receio que tentei aproximar-me da tribuna. Antes, porém, de atingí-la, eis que o Presidente, numa imperdoável quebra de protocolo, e com surpresa geral, movimentou-se em direção à casa do Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno, chefe político da localidade, sem ao menos agradecer a saudação do orador do Crato ou, ao menos, solicitar que outrem o fizesse.

Tenho a impressão de que o fato se tornou desagradável para nós ambos: para êle, porque falou; para mim, porque até fui impedido de fazê-lo.

Mais tarde, regressando ao Ceará, após uma ausência de mais de 12 anos, tive ensejo de reatar as minhas antigas relações com Irineu, já então em circunstâncias bem mais favoráveis para mim.

Passei a observar a sua predileção pelo estudo dos fatos, crenças, usos e costumes de nossa região, sob o duplo aspecto da sociologia e da história.

Foi quando se deliberou a dar publicidade ao seu primeiro e grande livro — "O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914", editado pelos Irmãos Pongetti, Rio de Janeiro, em 1938.

Com o aparecimento dessa obra — a mais fiel e completa que conhêço sôbre o Patriarca do Juazeiro e sôbre o movimento sedicioso de 1914 — passou Irineu a ocupar posição das mais destacadas entre os historiadores do nosso Estado.

A par da narração e análise dos acontecimentos — de que resultou a deposição do presidente Franco Rabelo — o emérito escritor estuda uma personagem, interpreta um fato, focaliza um costume, salienta um episódio, elucida uma dúvida, tudo isso de maneira amena e sem pedantismo, dando assim, ao seu livro, um sabor e uma utilidade que ilustra, interessa e convence.

Além do folheto "Joaquim Pinto Madeira", publicado em 1946, Irineu fez editar, em 1952, um outro a que denominou — "José Pereira Filgueiras". Neste opúsculo, de 30 páginas apenas, está contida a maior e mais convincente defesa do quase lendário Capitão-Mór do Crato, tão injusta ou apressadamente analisado por historiadores apaixonados ou que desconheciam as condições especialíssimas da política da então província do Ceará, no período tumultuário que vai de 1817 a 1824.

Mas de todos os trabalhos a que deu publicidade, não resta dúvida de que o mais importante pelo conteúdo e pela extensão é precisamente o livro "O Cariri", que circulou no ano de 1950.

A propósito dêste monumental trabalho — que representa o mais honesto e o mais precioso repositório de fatos da história do Cariri, notadamente do Crato — externou José Lins do Rêgo, através de crônica divulgada pela imprensa, conceitos os mais judiciosos e merecidos ao seu ilustre autor.

Importa frizar, no entanto, que a obra maior de Irineu Pinheiro ainda está inédita e é, exatamente, o livro a que denominou — "Efemérides do Cariri".

Em uma das minhas visitas ao Crato, franqueou-me Irineu as suas coleções de jornais antigos, a fim de que pudesse coligir os dados de que então necessitava, para a documentação de meu livro de memórias — "Menoridade".

Nêsse ensejo, em que trabalhei em seu próprio gabinete, me foi dado a satisfação de compulsar as suas Efemérides, meticulosamente elaboradas.

Penitencio-me, no entanto, de haver, de certo modo, concorrido para o retardamento da publicação dessa obra preciosa. É que, pedindo a minha opinião sôbre o método de exposição das Efemérides, subordinado ao critério de classi-

ficação dos assuntos — aliás adotado pelo Barão do Rio Branco nas Efemérides Nacionais — disse-lhe francamente que preferia o método cronológico, de que se utilizou o Barão de Studart, nas "Datas e Fatos" para a História do Ceará.

Nas nossas palestras subsequentes observei que Irineu havia arrefecido um pouco aquele entusiasmo de publicar imediatamente o seu grande livro, chegando mesmo a me afirmar que iria pensar na conveniência da adoção do sistema cronológico, apesar do trabalho exaustivo que lhe iria causar essa modificação.

Nos vários encontros que tivemos, por ocasião das festas comemorativas do Centenário de Crato, para cujo brilhantismo muito concorreu a palavra escrita e falada de Irineu, não me foi dado compulsar de novo as Efemérides, tendo, porém, a certeza de que poderíamos contar com a sua próxima publicação.

* * *

Irineu Nogueira Pinheiro não foi em vida um vaidoso nem tão pouco teve a preocupação de projetar a própria personalidade — atitude exdrúxula que caracteriza certa corrente de intelectuais, nos dias atormentados em que vivemos.

De um título, porém, tenho ciência de que êle se orgulhava — o de pertencer ao quadro de sócios do Instituto do Ceará.

Em verdade, sempre que nos comunicávamos, ou pessoalmente ou por correspondência, o seu primeiro pensamento estava ligado direta ou indiretamente a êste augusto sodalício, já para realçar os méritos da Casa do Barão de Studart, já para aludir ao trabalho ciclópico dos seus membros efetivos, hoje grandemente empenhados na elaboração da História Geral do Ceará.

É natural, portanto, que na sessão de hoje, além de reverenciarmos a memória do nosso insigne companheiro, determine V. Excia., Sr. Presidente, seja inserido em ata um voto de profundo pesar pelo falecimento do inesquecível colega.

As homenagens póstumas que esta Casa lhe presta não são apenas protocolares. Irineu Nogueira Pinheiro a elas fez jús porque foi, em vida, o autêntico e legítimo Historiador do Cariri.